

Brasil vai utilizar DDT no combate à malária

MERI MCCOY-THOMPSON
The Environmental News Service

LOS ANGELES — Se a estrada para o inferno é pavimentada por boas intenções, o Brasil está em algum lugar nas imediações do purgatório. Como parte de um investimento de US\$ 200 milhões para controlar a malária na Amazônia, o governo está pulverizando com DDT milhares de casas na floresta tropical. Assim, uma substância banida de mais de 40 países por causa de seus efeitos mortais em pássaros e peixes ainda é usada por inúmeras nações em desenvolvimento para matar os mosquitos que disseminam a mais penetrante doença tropical do planeta.

O DDT é uma substância de efeito rápido e duradouro e mais barata do que qualquer outro pesticida contra mosquitos. A Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Banco Mundial recomendam o uso do produto, mas não terá o Brasil encontrado uma cura pior do que a doença? E será que realmente encontrou uma cura?

O emprego de DDT na longa batalha contra a malária está bem documentado, e os resultados não chegam a ser assim tão impressionantes. No auge da campanha antimalária da OMS no início dos anos 60, mais de 76 mil toneladas de DDT foram pulverizadas em 76 países. A estratégia inicialmente foi bem sucedida, porém os índices de infecção logo subiram em diversos localidades.

Isso acontece devido à incrível capacidade de adaptação do inimigo. Os mosquitos se reproduzem tanto e tão rapidamente que a resistência ao DDT pode se desenvolver em pouco tempo. Depois que o DDT foi introduzido na Índia nos anos 50, por exemplo, os casos de malária caíram de 75 milhões para 50 mil. Em 1976, o número de casos havia subido para 6,5 milhões.

A medida que os mosquitos desenvolvem resistência a um número cada vez maior de pesticidas — e o parasita da malária desenvolve resistência a tratamento por drogas —, torna-se mais difícil evitar maiores epidemias e levantar fundos para financiar os programas necessários. A Índia



Amazônia: risco de contaminação causada pelo DDT

atualmente gasta quase metade do orçamento de saúde do país na batalha contra a malária com drogas e pesticidas.

Além disso, o DDT está aumentando no meio ambiente da Índia. Amostras de leite engarrafado colhidas em abril apresentavam quase 20 vezes o limite máximo permitido de DDT. Em média, os hindus ingerem diariamente quantidades de DDT que a OMS considera potencialmente prejudicial para o coração, fígado, rins e cérebro.

O Brasil pode estar no caminho da Índia nesta mesma estrada. Durante muitas décadas a malária esteve virtualmente eliminada nas regiões mais populosas do sul e perto da costa, e a maioria dos habitantes da floresta tropical havia desenvolvido imunidade à doença. No início da década de 80, contudo, uma associação entre o Brasil e o Banco Mundial para desenvolver a Amazônia desencadeou o desastre. Os incentivos fiscais do governo trouxeram para a Amazônia um fluxo de fazendeiros, garimpeiros e comerciantes que colocou milhares de pessoas em contato direto com mosquitos infectados.

A ocupação da região criou também condições favoráveis

aos insetos. As queimadas aumentam a intensidade da luz do sol, o que acelera o período entre as gerações de mosquitos. Escavações de minas e canais à beira das estradas criam novos locais de reprodução. Moradores da Amazônia infectados têm migrado para outras partes do País e provocado epidemias locais em áreas onde a doença estava sob controle.

Frente às pressões para descobrir um remédio rápido contra a malária, autoridades sanitárias do Brasil optaram pelo DDT, e planejam espalhar 3 mil toneladas da substância na Amazônia durante os próximos cinco anos. "O DDT vai penetrar no sistema aquático e na cadeia alimentar da floresta", alerta Theo Coburn, do World Wildlife Fund. "Isso vai envenenar pássaros e peixes, prejudicar seus sistemas reprodutivos e enfraquecer seus ovos."

Embora se dissolva mais rapidamente nas regiões tropicais do que em zonas temperadas, o DDT é altamente volátil e será levado para atmosfera e conduzido até os pólos. "Nós observaremos efeitos do DDT na região dos Grandes Lagos dos Estados Unidos mesmo se for usado na Amazônia", acrescenta Coburn.